



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Romualdo Monteiro dos Santos

**O SUJEITO CONTEMPORÂNEO FRENTE À REALIDADE  
EXISTENCIAL E O REAL SENTIDO DA VIDA**

**São Francisco de Paula, RS  
2020**

**Romualdo Monteiro dos Santos**

**O SUJEITO CONTEMPORÂNEO FRENTE À REALIDADE EXISTENCIAL E O  
REAL SENTIDO DA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso- TCC,  
como requisito para a obtenção do grau  
de **Licenciatura em Ciências da  
Religião** do curso correspondente  
ofertado pela Universidade Federal de  
Santa Maria.

Orientadora: Prof. Dra. Lorena Inês Peterini Marquezan

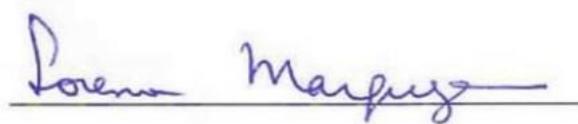
São Francisco de Paula, RS  
2020

**ROMUALDO MONTEIRO DOS SANTOS**

**O SUJEITO CONTEMPORÂNEO FRENTE À REALIDADE EXISTENCIAL E O  
REAL SENTIDO DA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso- TCC,  
como requisito para a obtenção do grau  
de **Licenciatura em Ciências da  
Religião** do curso correspondente  
ofertado pela Universidade Federal de  
Santa Maria.

**Aprovado em 15 de dezembro de 2020**



**Lorena Inês Peterini Marquezan (UFSM)  
Orientadora**

---

Amarildo Luiz Trevisan

---

Noeli Dutra Rossato

São Francisco de Paula, RS  
2020

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Ciências da Religião, mobiliza muitos questionamentos do autor, sobre a questão do sujeito contemporâneo. Entender tal sujeito tem sido uma busca que inicia ainda na Grécia Antiga, em especial, com Sócrates ao abraçar, cunhar e viver, a partir daquilo que ele experienciou, no templo de Delfos, o sentido de existência gravada na frase contida na pedra: “Conhece-te a ti mesmo”. Este pensador descobre o *homem interior*, justamente num período em que todos os esforços se centralizavam na busca de um entendimento e compreensão da origem da *physis*. Como objetivo geral buscamos entender o sujeito contemporâneo frente à realidade existencial e o real sentido da vida. Como objetivo específico aprofundar os conhecimentos sobre o sentido da vida a partir dos pressupostos teóricos a partir da filosofia hermenêutica. Como problema, questionamos como o sujeito se vê frente à realidade existencial e que tipo de sentido ele atribui à sua vida? Segundo Víktor Frankl, o sentido da vida se modifica, no entanto, sem deixar de existir e, para buscar a descoberta desse sentido há três maneiras: a) fazer um trabalho ou na prática de um ato; b) experimentando algo ou encontrando alguém; c) pela postura tomada frente ao sofrimento. Se na primeira é algo simples, na segunda, o sentido da vida requer benignidade, verdade, beleza; mas exigirá também a necessidade de experiência com o *outro*, num encontro em sua originalidade – amando-o.

**Palavras-Chave:** Sentido da Vida; Vazio Existencial; Projeto de Vida; Sujeito Contemporâneo

## ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC) of the Religious Sciences course, mobilizes many questions from the author, on the issue of the contemporary subject. Understanding such a subject has been a quest that still begins in Ancient Greece, in particular, with Socrates embracing, minting and living, based on what he experienced, in the temple at Delphi, the sense of existence engraved in the phrase contained in the stone: “Know yourself”. This thinker discovers the inner man, precisely at a time when all efforts were centered on the search for an understanding and understanding of the origin of *physis*. As a general objective we seek to understand the contemporary subject in the face of existential reality and the real meaning of life. As a specific objective to deepen the knowledge about the meaning of life from the theoretical assumptions from the hermeneutic philosophy. As a problem, we question how the subject sees himself in the face of existential reality and what kind of meaning does he attribute to his life? Second Víktor Frankl, the meaning of life changes, however, without ceasing to exist and, in order to seek the discovery of this meaning, there are three ways: a) do a job or in the practice of an act; b) experiencing something or meeting someone; c) the posture taken in the face of suffering. If in the first it is something simple, in the second, the meaning of life requires kindness, truth, beauty; but it will also demand the need for experience with the other, in a meeting in his originality - loving him.

**Keywords:** Meaning of Life; Existential Void; Contemporary Subject

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
1. O SURGIMENTO, A CONCEITUAÇÃO E A CRONOLOGIA DO SUJEITO ....	1
2. A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA E A CRISE .....	2
3. VAZIO EXISTENCIAL.....	5
4. O SENTIDO DA VIDA E A REALIDADE EXISTENCIAL.....	7
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	12
REFERÊNCIAS.....	14

## INTRODUÇÃO

Ao iniciar as bases teóricas para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Ciências da Religião, logo vem à tona muitos questionamentos do autor sobre a questão do sujeito contemporâneo. Entender tal sujeito tem sido uma busca que inicia ainda na Grécia Antiga, em especial, com Sócrates ao abraçar, cunhar e viver, a partir daquilo que ele experienciou, no templo de Delfos, o sentido de existência gravada na frase contida na pedra: “Conhece-te a ti mesmo”. Este pensador descobre o *homem interior*, justamente num período em que todos os esforços se centralizavam na busca de um entendimento e compreensão da origem da *physis*<sup>1</sup> .

Sócrates mostra como o sujeito deveria agir, corrigindo sua atitude vivencial ao ensiná-lo a olhar para dentro de si. Seria um olhar introspectivo; uma verificação profunda de todo o seu interior, de sua alma; uma análise pormenorizada de seus anseios, suas ideias; enfim, de sua existência como ser humano. A partir deste autoconhecimento ele poderia compreender um pouco melhor o real sentido de sua existência e, evidentemente, com outros valores – esses em sua essência – denominados de morais. Pois este indivíduo grego visa agora, com uma postura analítica de seu interior desenvolver as bases para um novo tipo de sujeito – um sujeito ético. Como objetivo geral buscamos entender o sujeito contemporâneo frente à realidade existencial e o real sentido da vida. Como objetivo específico aprofundar os conhecimentos sobre o sentido da vida a partir dos pressupostos teóricos. O problema que norteia a nossa pesquisa é: como o sujeito se vê frente à realidade existencial e que tipo de sentido ele atribui à sua vida?

---

<sup>1</sup> Physis: o substantivo *physis* deriva do verbo *phyo* (φύω), que quer dizer faço crescer, faço nascer, e, na forma média, *phyomai* (φνομαι); eu broto, eu cresço, eu nasço. A natureza se manifesta como potência autônoma que possui, comunica e organiza a vida. Para Aristóteles, *physis* é a natureza em seu sentido primeiro e principal, é a substância dos seres que têm em si o princípio de seu próprio movimento. Platão se reporta a *physis* como todos os seres materiais e espirituais, produzidos por uma potência espiritual. Vê a natureza como a Lei Espiritual que rege o universo. GOBRY, Ivan. *Vocabulário grego da filosofia*. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 115.

## 1. O SURGIMENTO, A CONCEITUAÇÃO E A CRONOLOGIA DO SUJEITO

Ao se estudar o termo sujeito é preciso considerar dois sentidos essenciais, a fim de entendê-lo melhor. Primeiro, ele é representante *de quem* se está falando, ou então, *a quem* lhe são atribuídas qualidades ou determinações. Segundo, é o *eu*, o espírito ou a consciência, como princípio determinante do mundo do conhecimento, da ciência, da ação. E num primeiro momento o termo surge em Platão (Protágoras, 349b) e aqui é retomado o seu significado na filosofia antiga, mas será em Aristóteles, que o definirá como um dos dois modos de substância: *matéria* e *forma* ou união matéria – forma. No decorrer dos séculos o seu significado continuou quase inalterado, como por exemplo, na idade média, os principais pensadores, dentre eles, Tomás de Aquino, Duns Scot e Guilherme de Ockham adotaram o sentido previamente utilizado por Aristóteles.

ABBGNANO (2012, p.1096), chama a atenção de que “o significado deste termo não muda” quando ele for entendido como “a alma sendo substância à qual inserem determinados caracteres, ou da qual emanam determinadas atividades”. Nesse viés, muitos pensadores cunharam um sentido para o sujeito. E dentre eles, Wolf o chama de *ente*, porquanto dotado de essência e capaz de outras coisas além dela. Para Baumgarten, o sujeito é o *ente* determinado na matéria de que é constituído. Noutra instante, o sujeito é o eu, a consciência ou a capacidade de iniciativa, para o qual Kant usará tais termos e, nesse sentido, ele fundamenta o sujeito como o *eu penso* da consciência; a autoconsciência que determina, ou condiciona toda a atividade cognitiva. “Em todos os juízos *eu sou* sempre como sujeito determinante da relação que constitui o juízo”.

Para Fichte, o “sujeito é o eu, que o sujeito absoluto, não representado nem representável, que não tem nada em comum com os seres da natureza” (Ibidem, p.1097). Em Schelling, o sujeito absorve o sentido de identidade ou unidade; como sujeito e objeto na autoconsciência absoluta (Ibidem, p.1096). Em Hegel, “tudo depende de se entender e expressar o verdadeiro não somente na substância, mas de maneira igualmente decidida como sujeito; a substância viva é o ser, que na verdade é o sujeito”. Nas palavras de Schopenhauer, “aquele que tudo conhece e não é conhecido por ninguém é o sujeito. É ele, pois, que tem o mundo em si; é a

condição universal e sempre pressuposto de qualquer fenômeno de qualquer objeto, porque o que existe, existe para o sujeito” (Idem, p.1098).

Outra definição que detalha e aprofunda a conceituação do sujeito até aqui estudado vem dos escritos do filósofo existencialista, Heidegger:

Se para o ente que nós somos e que definimos como *ser-aí* for escolhido o termo sujeito, poderemos dizer: a transcendência (é a relação com o mesmo) implica a essência do sujeito. É a estrutura fundamental da subjetividade. Não que o sujeito exista antes como sujeito e depois, no momento em que alguns objetos se revelem presentes, ele possa até mesmo transcendê-los. Ser sujeito significa ser existente na transcendência e como transcendência. (IBID)

Neste interim, cabe a ressalva de Abbagnano, pois, para Heidegger, transcendência é relação com o mundo, com isso, o sujeito é identificado nessa relação. Numa concepção contemporânea do sujeito, como ser determinante do mundo, do conhecimento e da ação (como fundamento de verdade) sofreu uma derrocada e, por isso, uma mudança de conceito – chamado agora de sujeito sujeitado ou joguete. Não obstante, na contemporaneidade tem sido elaborado um discurso numa perspectiva de recuperação do sujeito, mas em termos cognitivos, éticos e dialéticos, isto é, mesmo que essa nova construção seja distante daquele conceito de sujeito forte e auto firmado na tradição metafísica (Idem, p.1099)

## 2. A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA E A CRISE

O ser humano, ainda em gestação no ventre materno passa por um processo de *acomodação e estranhamento*. O primeiro, por estar num ambiente tranquilo, seguro e com temperatura ambiente. Não obstante, havia momentos de agitação, onde a criança saía do seu estado de tranquilidade para uma espécie de estranhamento, visto o seu habitat estar passando por um período de insegurança<sup>2</sup>.

Assim, após seu nascimento a criança depara-se com este dualismo existencial, que irá lhe acompanhar praticamente por toda a vida, ainda que de forma moderada, em alguns casos e, enquanto outros numa situação mais profunda. Esta situação torna o sujeito um ser dicotômico, isto é, haverá momentos

---

<sup>2</sup> TIMM, Ricardo. Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.26

em que ele potencializa sua capacidade intelectual, de conhecimento, de práxis. Enfim, um ser ativo, entusiasmado, mas esse mesmo indivíduo mostrará o seu lado “o outro lado de sua face”. Aqui estão inseridas as suas dúvidas, anseios, seus sonhos; em suma, o seu projeto de vida<sup>3</sup>.

*Quem sou eu? De onde vim? Que devo fazer? Para onde irei?*<sup>4</sup> Estes questionamentos abrem o portal de um imenso *pântano interior* e, quando se está dentro dele corre-se o risco de perder os referenciais normativos que balizam o indivíduo, como por exemplo, o sentido de direção, de percepção, de orientação, de organização. Seria como se o sujeito fosse tolhido de seus sentidos sensoriais, perceptivos e até cognitivos. Tudo dependerá da reação desse indivíduo frente a este local ou lugar desconhecido.

Timm descreve a criança ainda no útero materno e tendo uma vida totalmente protegida. Algo completamente diferente quando esse sujeito é parido para fora, no mundo externo e, que se defronta com uma nova realidade, nova perspectiva, nova cosmovisão a ponto de causar um total estranhamento e a própria vida de fato leva o indivíduo a uma gama de situações capazes de colocá-lo no pico de uma montanha, porém, poderá leva-lo ao precipício, justamente pela complexidade sob o qual ele está atrelado. Neste sentido, entra em ação o fator psicológico, moral, social, afetivo-emocional e espiritual. São todas concatenações que envolvem o ser humano a uma tomada de decisões diárias. Birmam (p. 7, 2014), descreve da seguinte maneira: “assim, as mais diversas escalas e dimensões da experiência são permanentemente perpassadas seja por intermédio da surpresa ou pelo improvável”.

Para Timm, cabe ao sujeito assumir sua unicidade a fim de lhe permitir a sobrevivência visto o viver – desde as primeiras instâncias – ser um processo de sobre-viver.

Viver por sobre a infinidade de circunstâncias que nos desafia continuamente, embater-se no andar da existência, viver apesar das infinitas armadilhas da vida.... Cada minuto, cada segundo é, na verdade, a proclamação de uma sobrevivência; significa que, apesar do peso que a vida representa, dos perigos inerentes a ela, nós somos capazes de achar saídas. Salvos das infinitas situações que se sucedem é que poderiam significar, simplesmente, o nosso fim.” (TIMM, 2004, p.28).

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Estes questionamentos foram elaborados por Emanuel Kant, o grande filósofo alemão, que fazia esse tipo de elaboração numa tentativa de compreender melhor o sujeito.

Ainda que possa parecer patético tal situação do indivíduo, mas ele perpassa por caminhos ou armadilhas, que poderiam levá-lo à destruição. Contudo, se nos animais existe o instinto de sobrevivência, no ser humano existe uma força interior por sobrevivência. Isso lhe assegura a potencialidade do existir, sobreviver, por mais que existam forças contrárias à sua existência. Nesta caminhada o homem vai adquirindo algumas potencialidades capazes de aumentar suas experiências e, com isso, criando um tipo de cápsula interna, que o protege e o faz lutar bravamente com o mundo desconhecido, com o mundo externo. Além disso, no ventre da mãe e em meio àquela segurança garantida, em seu mundo interior, porém, havia momentos de vulnerabilidades, de insegurança, de medo. No entanto, quando ele estiver frente a frente com este mundo desconhecido e amedrontador serão novas experiências que o robustecerão para a vida. E, serão nelas, que o sujeito será forjado, como aço na fornalha; será aperfeiçoado e se tornará um desbravador; será aqui, que, mesmo em meio às dificuldades, às adversidades não desistirá, mas lutará, avançará, cairá e se levantará.

Todas as certezas que o homem tinha naquele mundo interior, como por exemplo, a sua confiança e segurança agora são reduzidas ao pó, por causa desta nova vida exterior lhe reservando uma infinidade de surpresas. Então, ele depara-se com aquilo que se denomina “crise”. Esta palavra num sentido de senso comum, banal ou trivial significa um obstáculo intransponível; decadência; desagregação; catástrofe. Todavia, o sentido original do termo possui um significado de ação, decisão, sentença, juízo, luta, resultado. Com isso, fica nítido que sua etimologia leva para uma situação de *tensão* e *decisão* do que propriamente de uma catástrofe ou uma decadência. Crise, em síntese, significa a oportunidade para uma tomada de decisão; significa romper com a lógica do passado e equacionar e interpretar as condições do presente; significa a capacidade de julgar, de discernir os elementos do passado e do presente no sentido de construção do futuro.<sup>5</sup>

Possivelmente a grande dificuldade do ser humano é entender o termo crise, como algo positivo, algo a ser superado, transposto, num sentido de decisão a ser tomada. Ainda que esta seja equivocada, precipitada, no entanto, deve ser acionada. Por esta razão o indivíduo situa-se no campo de indecisão; na incapacidade de agir; com medo de tomar uma decisão; fazer um tipo de

---

<sup>5</sup> TIMM, Ricardo, 2004, p. 29s

juízo. Em suma, isso faz parte da equação – viver, sobreviver, tomada de decisão, avançar<sup>6</sup>. São todas circunstâncias inerentes única e exclusivamente do sujeito, visto ninguém tomar qualquer decisão por ele ou para ele. Precisar-se independentemente do tempo ou lugar agir, mover-se em direção ao desconhecido, ao surpreendente, ao misterioso, ao passo que a vida é um passo para frente rumo ao tal desconhecido. O ponto referencial é o “aqui e agora”, o presente, o tempo verbal “sou e estou”. Mas existe algo dentro do sujeito que lhe causa estranhamento e uma busca constante, a fim de entendê-lo – o *vazio existencial*.

### 3. VAZIO EXISTENCIAL

O homem tem uma constituição básica que lhe diferencia das demais espécies: a vontade; o conhecimento; a intuição; a razão; as emoções; os sentidos. Nessa estrutura, Valle (1975, p. 85) faz uma digressão do sujeito – viver é ter a sensação da contingência e da miséria do nosso espírito em sua condução carnal e sentir plenamente a subsistência.

Tanto o sentimento de nossa contingência de nossa miséria, como o pressentimento de nossa plenitude substancial, não é só vivências que transcorrem na *psiquê*, mas dimensões plenamente ontológicas do homem. Não se trata de subjetivamente, eu me sinto indigente, frágil, insuficiente, angustiado, mas que objetivamente constitutivamente sou indigente, frágil, insuficiente, angustiado. Em face de minha nihilidade ontológica que surge minha ausência psicológica. (Ibidem).

A essência do homem se constitui de uma estrutura espiritual e biológica, em que ambas se tornam objeto de pesquisa, para seu próprio estudo, como exemplo, quem é o homem? Qual é o seu sentido da vida? O espírito humano manifesta-se por intermédio de dois tipos de atos – os intelectivos e os volitivos. Neste ínterim, para Valle (Ibidem, p.84), a raiz da crise está na *desconfiança da razão*, visto que, toda a certeza estava numa mentalidade reinante desde o início da modernidade e havia plena confiança na razão. Por intermédio de Descartes e o cogito – era a consciência, o ponto inquestionável da certeza. Como resultado desse descobrimento à consciência fora concedida a primazia da segurança, poder

---

Idem.

e noção de si mesmo. Muitas significações e os valores eram fundados racionalmente.

Não obstante, segundo Rabuske (1992, p.83), a consciência sofreu um imenso golpe, primeiramente, com Karl Marx, que a chamou de *ideologia dos fracos*. Adiante, Freud a denomina de *produto do inconsciente*, uma expressão disfarçada de desejos inconscientes. Antes, porém, Nietzsche adjetivara de *consciência dos fracos*. Enfim, aquilo que era uma certeza agora a *consciência* traz a desconfiança e, em consequência, escancara a fragilidade humana.

Nesse sentido, tanto Valle quanto Rabuske demonstram a fragilidade da razão, como estrutura fundante e dominante do sujeito, pois foram necessários diversos acontecimentos que trouxeram à tona a precariedade da *consciência*, como elemento que elevaria o ser humano a um nível superior, mas não passou de ledão engano. Por esse motivo, a importância do debate filosófico sobre a derrocada da razão e, em consequência, entender o *vazio existencial*, como conceito presente na modernidade e que se agrava, na contemporaneidade. Conquanto, que outras ciências procuram elucidar as razões do vazio humano, por exemplo, a psiquiatria que procura desvendar o processo interno do sujeito, que se apresenta totalmente fragmentado, angustiada, dilacerada. Para Birman (2014, p.70), houve uma inversão de impacto em relação ao período grego clássico, pois naquele tanto Deus quanto a alma ocupava um lugar importante na concepção íntima do sujeito, no entanto, na pós-modernidade ele tem o *corpo*, como seu bem supremo, e por esse motivo, a saúde se transforma no ideal supremo do sujeito hodierno.

Na concepção de Frankl (2019, p.126), em vez de vazio, ele utiliza o termo *frustração existencial*, que surge quando a vontade de sentido é frustrada. Quanto ao *existencial* há três modos de ser: a) a existência em si mesmo, ou seja, a maneira humana de ser; b) sentido de existência; c) busca por um sentido concreto no existir do sujeito, isto é, à vontade do sentido. O psiquiatra de Viena ainda detalha “a frustração existencial em si mesma não é patologia, nem patogênica. A precipitação ou mesmo o desespero da pessoa sobre se a sua vida vale à pena ser *vivida* é uma angústia existencial”.

No século XX, segundo Frankl (Ibidem, p. 131), o vazio existencial obteve enorme popularidade, visto ser algo compreensível, pois o sujeito tem uma perda dupla, desde que ele se tornou realmente humano. Primeiro, perdeu os aspectos a sua segurança; segundo, ele perde as tradições, que eram uma base de seu

comportamento. Por isso, nenhum instinto poderá prescrever o que deve ou não se fazer. Em lugar disso, o sujeito sente prazer em realizar aquilo conforme outros fazem ( conformismo), ou então, ele almeja realizar aquilo que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo), em consequência disso, uma das manifestações do vazio existencial é o *tédio*, que na atualidade causa mais problemas do que a própria angústia e, muito por conta do próprio desenvolvimento científico-tecnológico, visto proporcionar um aumento considerável das horas de lazer do trabalhador médio e, por causa disso, muitos não souberam aproveitar, muito menos saber o que fazer com esse tempo livre. Um bom exemplo é aquela espécie de depressão em que as pessoas são acometidas justamente pela “falta de conteúdos de suas vidas quando passa o corre-corre da semana atarefados e o vazio, dentro delas, se torna manifesto” (Ibidem, p.132).

Também, em alguns casos, como do suicídio, a causa é oriunda do vazio existencial, com isso, fenômenos difundidos como agressão, depressão e vício precisam ser analisados à vista do vazio existencial. Frankl desvenda alguns aspectos que passam despercebidos acerca desse fenômeno.

Existem ainda diversas máscaras e disfarces os quais transparece o vazio existencial. Às vezes, a vontade de poder, incluindo sua mais primitiva forma, que é a vontade de dinheiro, em outros casos, o lugar da vontade de sentido frustrada é tomado pela vontade de prazer. É por isso que, muitas vezes, a frustração existencial acaba em compensação sexual. Podemos observar nesses casos que a libido sexual assume proporções descabidas no vazio existencial. ” (Idem)

Enfim, o fato é que o sujeito precisa retomar sua busca pelo sentido da vida, pois enquanto estiver jogado nesse vazio de sua existência e, sem qualquer plano estratégico de vida, para sair dele afundará cada vez mais nesse processo interior que lhe corrompe suas expectativas, seus sonhos, seus projetos de vida. Por essa razão, um retorno ao real sentido da vida, como um *imperativo categórico de existência*.

#### **4. O SENTIDO DA VIDA E A REALIDADE EXISTENCIAL**

Ao ser abordado o tema *sentido da vida*, como uma proposição filosófica, muitas questões se atravessam e se entrecruzam em opiniões divergentes entre os

pensadores, devido a magnitude, senão, profunda dificuldade em tratar do assunto. O filósofo da linguagem, Wittgenstein (1995, p.23), em seu *Tratado Lógico-filosófico*, fez duras críticas àqueles que possuem uma fórmula ou uma solução pronta para os problemas da vida. Ele acompanhou o início da revolução científica, em meados do século XX e observou que ela encontrava respostas para a maioria de suas experimentações, no entanto, os problemas concernentes à existência humana sequer foram tocados. Portanto, ele antevia que somente a partir da reflexão filosófica surgiria um caminho para a conscientização e na imprevisibilidade de encontrar uma resposta concreta nas questões referentes ao sentido da vida.

Neste interim, o filósofo alemão é um crítico contumaz, em especial, da metafísica e, dos filósofos sem o compromisso, com aquilo que a filosofia se propõe ser: “Tornar claros e delimitar rigorosamente os pensamentos que de outro modo, por assim dizer, permaneceriam turvos e imprecisos” (Idem). Em síntese, ele coloca a filosofia como uma bússola, que dá o *Norte*, a fim de evitar que o *timoneiro* venha se perder em águas agitadas e perigosas. O filósofo tem a função única e exclusiva de esclarecer e delimitar com rigorismo a atitude do pensar.

Numa posição mais moderada, Canto-Sperper (2005, p.198), trata da mesma temática, mas numa perspectiva de equilíbrio, quando se refere às respostas que são dadas às perguntas que o sujeito faz sobre sua existência, ainda que insatisfatórias ou imprecisas, no entanto, contribuem na interpretação e compreensão do sentido existencial. “Dimitri sentia, ainda que suas perguntas fossem irracionais e desprovidas de sentido, queria perguntar exatamente isso, e era preciso que fizesse as perguntas precisamente como o fez” (Dostoievsky, 2008, p.77).

O sentido da vida é uma das questões mais interessantes a serem submetidas à reflexão filosófica, senão a mais importante. Outro aspecto é quanto à temporalidade deste sentido existencial, pois não é tema somente da atualidade, porém, faz parte desde os tempos da *poesia* e a *tragédia* grega. O mesmo ocorre acerca de uma resposta “a questão de saber porque a vida existe” (Canto-Sperber, *ibidem*, p. 201). Camus, sobre os questionamentos da existência, escreveu: “A certeza de que a vida é absurda provém da impossibilidade de dar a ela uma justificativa unificada e total” (2017, p.29).

Canto-Sperber (Ibidem), chama atenção para um fato, que é muito peculiar ao escrever que a *exigência humana* busca por uma justificativa para o *sentido existencial*. Isso é tão forte que ocupa um lugar de destaque na existência humana. Por outro lado, há uma literatura abrangente e defensora da ideia de que somente a *imortalidade* seria capaz de dar sentido, como justificativa, à existência humana. No entanto, logo vem o questionamento e a busca pelo sentido existencial – seria razoável essa busca se, o sujeito soubesse que *não* morreria? Provavelmente a própria imortalidade seria ameaçada, não pela morte, mas pelo processo repetitivo e pelo tédio, que, tanto quanto a morte, solapam o sentido.

A existência do sujeito é vivida por um ser natural, possuidor de capacidades físicas, psicológicas e de estados mentais, também naturais – a esperança, o medo, o desejo. O sujeito, nesta vida, é composto por um conjunto de fatos e ocorrências, de escolhas e realizações.

Com Morin (2012, p.201) entendemos que o espírito/mente/cérebro humano é de uma complexidade sempre inusitada nas tramas do singular-plural.

Resta que o ser humano é o centro da consciência na e pela sociedade. O indivíduo, pelo espírito, pode abraçar a própria sociedade, pode tentar abraçar o mundo pela compreensão... A alma e a sensibilidade da sociedade estão no indivíduo. O espírito/mente/cérebro individual é mais complexo do que a sociedade, mais complexo que a Terra, mais complexo que a galáxia. (p.201).

Concordamos com as pesquisas do renomado autor na qual afirma que:

A qualidade de vida se traduz por bem-estar no sentido existencial, e não apenas material. Implica qualidade com as relações com próximo e a poesia dos envolvimentos afetivos e afetuosos” [...] solidariedade e responsabilidade são imperativos não só políticos e sociais, mas também pessoais. [...] podemos depreender os imperativos da reforma pessoal: conhecer segundo o conhecimento complexo, que interliga os saberes para conceber os problemas fundamentais e globais; pensar segundo a razão sensível, que realiza a dialética permanente razão/paixão; agir segundo o imperativo ético primeiro responsabilidade/solidariedade; viver segundo a necessidade poética de amor, comunhão e encantamento estético. (MORIN, 2020, p 75-86).

Corroborando com a complexidade do ser humano na busca de suas realizações encontramos no documento legal o *Projeto de Vida* mencionado através da competência 6, da BNCC, e tem por finalidade:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2018a).

A pesquisadora Mazzardo em sua dissertação de mestrado referente a essa temática assim nos fala:

Para tanto, os estudantes precisam refletir sobre seus desejos e objetivos, aprendendo a se organizar, estabelecer metas, planejar e perseguir com determinação, esforço, autoconfiança e persistência seus projetos presentes e futuros. Inclui, nesse sentido, a compreensão do mundo do trabalho e seus impactos na sociedade, bem como das novas tendências e profissões. (MAZZARDO, 2019, p 171).

Corroboramos com a autora e resolvemos compartilhar a inovação pedagógica, ou seja, a construção do produto decorrente da pesquisa feita:

Assim sendo, a partir das vivências relacionadas à experiência piloto com os colaboradores da pesquisa, junto ao processo de construção de seus Projetos de Vida, bem como das respectivas narrativas que se deram de forma compartilhada, constatou-se a necessidade de priorizar os seguintes princípios balizadores do processo de construção: a) participação coletiva; b) produção compartilhada; c) valorização das experiências de vida; d) respeito às individualidades; e) diálogo problematizador; f) os contextos socioeconômico e cultural atuais em que estão inseridos; g) a escuta às famílias; h) as expectativas de futuro de cada um. (MAZZARDO, 2019, p 170).

Trazendo para o campo educacional, tal temática torna-se importante, a fim de que os educadores obtenham uma abertura para a “escuta sensível” possibilitando a mediação resiliente das dúvidas, problemas existenciais, busca de sentido de vida, escolha profissional, mediações de conflitos interpessoais entre outros desafios que emergem no ciclo vital.

Vimos até o presente momento a pesquisa transitando numa perspectiva tanto filosófica, quanto educacional. Conforme visto, há inúmeras divergências de ideias, entre os pensadores, até pelo grau de dificuldade do tema. Outro sim, o pensamento e argumentação da filósofa Monique Canto-Sperber foi numa linha ponderada e equilibrada, senão, muito bem estruturada logicamente. Nesse ínterim, o presente trabalho abordará *o sentido da vida* sob a ótica da psicologia e psiquiatria, a fim de alargar a temática proposta e buscando um diálogo com essas

duas ciências específicas e, evitando assim, da proposta deste trabalho ficar engessado numa única visão, no caso, a filosófica.

Um dos questionamentos da contemporaneidade e, que ainda está em aberto, inacabado, pós-fragmentação do *sujeito* e do *vazio existencial* – qual é o sentido da vida, afinal? Rojas (2013, p.34) faz uma busca no passado recente, na intenção de encontrar, num determinado *tempo* e *lugar*, as origens da perda do sentido da vida e descobre, entre várias possibilidades, *uma* que será o desenlace, para entender essa perda de sentido – o niilismo nietzschiano – visto muitos de seus seguidores, na contemporaneidade, levarem a cabo o seu pensamento a tal ponto de entronizarem a subjetividade, “isso se manifesta por um especial estado de ânimo que consiste na perda de sentido da vida em uma série de acontecimentos, que Rojas destaca categoricamente.

Esse sentimento niilista paira sobre o homem contemporâneo e faz com que os valores se diluam, perdendo sua consistência. Valores como verdade, liberdade, razão, humanidade ou Deus desaparecem sem serem substituídos por outros de igual significado. (Ibidem)

Nas palavras de Frankl (Ibidem, p.135), o sentido da vida se modifica, no entanto, sem deixar de existir e, para buscar a descoberta desse sentido há três maneiras: a) fazer um trabalho ou na prática de um ato; b) experimentando algo ou encontrando alguém; c) pela postura tomada frente ao sofrimento. Se na primeira maneira é algo simples, na segunda, o sentido da vida requer a experimentação de algo, como benignidade, verdade, beleza; mas exigirá também a necessidade de experiência com o *outro*, num encontro em sua originalidade – amando-o. Esse amor é a única via capaz de captar o *outro*, no interior de sua personalidade. Não há como ter consciência da essência do *outro*, sem amá-lo, pois, potencialmente “ela vê o que está contido nele, aquilo que ainda não está, mas deverá ser realizada”.

A terceira maneira de desvendar o sentido existencial surge quando o sujeito se vê confrontado, numa situação sem nenhuma perspectiva positiva, ou então, no enfrentamento de uma fatalidade. Isso ocorre quando o ser humano se encontra numa região de fronteira, em que a sua potencialidade, como sujeito, depara-se com a tragédia e, como consequência, irá afundar no desespero, ou conforme Frankl, “irá transformar a tragédia pessoal num triunfo; em converter novo

sofrimento numa conquista humana” (Ibidem, p. 137). Há circunstância impeditivas, como excluir a imprevisibilidade do sofrimento. No instante em que o sujeito aceita o desafio do sofrimento, a vida lhe concede um sentido e o mantém, até o fim. Em outras palavras, por incluir, inclusive, o sentido potencial do sofrimento inevitável, o sentido da vida é um sentido incondicional.

Buscamos o renomado pesquisador internacional para contribuir com nossas reflexões sobre a aprendizagem da complexidade, na qual busca a inteireza do sujeito, de maneira poética, sentimos a transdisciplinariedade como um fio condutor de ideias; mobilizando a tomada de consciência do papel do professor em busca da compreensão do homem complexo, imerso numa coerência do conhecimento pertinente, contendo a diversidade do processo transdisciplinar. Referindo-se a ciência da psicologia desenvolvendo a formação de professores, assim fala:

Adiro ao que possa ser dito sobre a diversidade de psicologias e das heranças culturais. Entretanto, a diversidade deve ser pensada e fundada sobre a coerência e a compreensão. Penso que a missão de aprender a religar e a problematizar representa um retorno a uma missão fundamental à qual já me referi. Acrescento que a religação constitui de agora em diante uma tarefa vital, porque se funda na possibilidade de regenerar a cultura pela religação de duas culturas separadas, a da ciência e a das humanidades. [...] A aprendizagem do amor [...] Panurge e dos granizos que uma professora amiga me contou recentemente. Os granizos caem sobre o pobre Panurge e o derrubam. Quando os granizos caem na terra, começam a se liquefazer. Panurge se dá conta então que eram palavras congeladas. Não se trata de descongelar as palavras do ensino, mas reaquecê-las. Como Platão o disse há muito tempo: para ensinar é preciso o Eros. O Eros não é somente o desejo de conhecer e transmitir, ou somente o prazer de ensinar, de comunicar ou de dar: é também o amor daquilo que se diz e do que se pensa ser verdadeiro. É o amor que introduz a profissão pedagógica, a verdadeira missão do educador (MORIN, 1999, p.52).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enfim, a pesquisa transitou numa perspectiva de entender o sujeito contemporâneo e o sentido da vida, mas perpassando pelo vazio existencial, que tanto incomoda o interior do ser humano, visto ser algo que não há explicações racionais e ou lógicas que possam responder a tal questionamento. Conforme observado neste trabalho, a filosofia, a psicologia e a psiquiatria tentaram responder aos anseios desta imensa dúvida existencial. No caso da filosofia, não

há respostas, mas apenas algumas incursões que vislumbram para um norte, ou seja, ela aponta para uma direção onde o sujeito deverá caminhar. No caso da psicologia, são traçadas algumas diretrizes, que possibilitam o sujeito se encontrar consigo mesmo e criar algumas bases que lhe possibilitam enfrentar o vazio existencial de modo mais realístico. Na concepção da psiquiatria, o sujeito também precisará encontrar-se consigo mesmo, porém, terá de superar tanto a angústia existencial, quanto o tédio, causado pela revolução tecnológica, que facilita a vida do ser humano, no entanto, causa um profundo estado de melancolia.

Influenciados pelas teorias psicanalistas, filosóficas, antropológicas percebemos este fragmento contendo a *essência da vida*, da possibilidade de estabelecermos uma ligação afetiva com o educando a partir do “desejo de conhecer”, de estimular a capacidade de resolução de problemas, desenvolvendo a autoconfiança, autoestima, auto aceitação e a autonomia fundamentais no desenvolvimento das subjetividades, tanto nos educadores como nos educandos, mobilizados pelos princípios de inteligibilidade, a noção de sujeito e mesmo a liberdade. Mas é recorrente em suas obras a partir das pesquisas feitas necessidade da reforma de pensamento, das matrizes curriculares, tentando superar a fragmentação dos conhecimentos e impactando em inovações interdisciplinares e transdisciplinares.

Assim concluímos que os cursos de formação de professores devem criar espaços que possibilitam o diálogo entre educadores e educandos a fim de mobilizar o sentido da vida impulsionando a potencialidade de cada um, enfim o desenvolvimento de sujeitos autônomos, críticos, reflexivos e felizes.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: Espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro1; civilização brasileira, 2014.

CANTO-SPERBER, Monique. **A inquietude moral e a vida humana**. Tradução: Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FRANKL, Viktor e. **Em busca de sentido**. Tradução: Walter O. Schlupp e Carlos C Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019.

GOBRY, Ivan. **Vocabulário grego da filosofia**. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fonte, 2007.

MAZZARDO, Ana Lucia da Luz. **PROJETO DE VIDA**: Uma Proposta De Construção Compartilhada Com Estudantes Do Ensino Médio. Dissertação defendida no Programa De Pós-Graduação Em Políticas Públicas E Gestão Educacional – Mestrado Profissional, 2019.

MORIN, E. **A religião dos saberes**. O desafio do século XXI, SP. Bertrand Brasil, 2000. \_\_\_\_\_.

O X da questão: o sujeito a flor da pele. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, repensar o pensamento. 6.<sup>a</sup> Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda., 2003 a.

\_\_\_\_\_. **Educar na era planetária**: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003b.

\_\_\_\_\_. **É Hora de Mudarmos de Vias**: Lições do Corona vírus. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2.<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Cortez, 2003c

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Editora da Universidade Federal do Pará, 2002.

RABUSKE, Edvino. **Antropologia filosófica**. Petrópolis. Editora Vozes, 1986.

ROJAS, Enrique. **O homem moderno: A luta contra o vazio**. Tradução: Waltir Dupont. Curitiba: Editora do Chain, 2013.

SANTOS, Romualdo Monteiro. **A virtude socrática como a prática do cuidado de si**. 2014, 81f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre.

TIMM, Ricardo. **Sobre a construção do sentido: O pensar e o agir entre a vida e a filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução: Fátima Gaspar e Carlos Gaspar. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

VALLE, Basave Del. **Filosofia do homem**. Tradução: Hugo di Primio Paz. São Paulo: Editora Convívio, 1975.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado Lógico Filosófico: indagações filosóficas**. Tradução: M. S. Lourenço Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.